

## NOTICIÁRIO

O Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos, com o patrocínio da Universidade Federal do Rio de Janeiro, promoveu, entre os dias 5 e 9 de outubro último, o II Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, sobre o tema A linguagem e o texto; Interações. Durante o congresso realizaram-se conferências e minicursos a cargo de professores de reconhecida notoriedade no país.

\*

O Instituto de Pesquisas Lingüísticas “Sedes Sapientiae” para Estudos de Português da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo promoveu de 1.º a 2 de maio deste ano o 7.º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa, acerca do tema Dimensões do Ensino e da Pesquisa em Língua Portuguesa, sob a coordenação competente da Prof.ª Dr.ª Neusa Barbosa Bastos e sua incansável equipe de colaboradores. Apresentaram comunicações professores brasileiros e estrangeiros, e ofereceram-se variados minicursos a que concorreram numerosos interessados participantes. Esperemos que não demorem a sair as atas deste encontro que repetiram, sem dúvida, o alto nível dos congressos anteriores.

A mesma coordenadora do IP-PUC/SP fez realizar, em 26 de novembro, o 1.º Encontro de Historiografia Lingüística, que, por proposta da Prof.ª Dr.ª Cristina Altman, se incorporaria como o 4.º Encontro de Historiografia Lingüística. Dela participaram, além de Cristina Altman, os Profs. Drs. Aryon Dall’Igna Rodrigues, Maria Carlota A. P. Rosa, Even Hovdhauger e Evanildo Bechara. Na ocasião, pela ordem dos conferencistas citados, foram abordados os seguintes temas: o papel e trabalho do GT de Historiografia Lingüística, as atividades iniciais da Lingüística no Brasil nos inícios de 1968, a importância de um texto anônimo para a história dos estudos lingüísticos, a obra de M. Said Ali e, finalmente, a lingüística missionária, tema este tratado pelo lingüista norueguês Even Hovdhauger.

\*

Nos dias 21, 22 e 23 de setembro realizou-se na Universidade do Estado do Rio de Janeiro o II Encontro Nacional de Filologia, em homenagem aos 70 anos do Prof. Evanildo Bechara, que teve como organizadores os Profs. Carlos Alberto Short e Fátima Grandim. Na sessão de abertura, proferiu a homenagem da Academia Brasileira de Filologia o seu Presidente, o Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho.

Foram durante o Encontro proferidas as seguintes palestras: 1) Evanildo Bechara: o homem, o mestre, o amigo (Carlos Alberto Short); 2) Estudo analítico e interpretativo da *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara (Valter Kehdi); 3) A pronúncia do português quinhentista (Antônio Martins de Araújo); 4) Do latim aos falares mineiros (Mário Roberto Zágari); 5) Pressupostos teóricos para uma gramática da língua portuguesa (Walmírio Macedo); 6) Aspectos da língua portuguesa no século XV (Eneida Monteiro Bomfim); 7) A contribuição de M. Said Ali aos estudos lingüísticos no Brasil (Evanildo Bechara); 8) Crônicas de Machado de Assis ou crônicas machadianas (Horácio Rolim de Freitas); 9) A Filologia Românica na UERJ (Fátima Grandim); 10) Atividade filológica de Manuel Bandeira (Maximiano de Carvalho e Silva); 11) A Lexicografia no Brasil hoje (Antônio Geraldo da Cunha); 12) Sincronia e diacronia; pancronia (Jayr Calhau).

As sessões estiveram sob as presidências de Antonio Gomes da Costa, do Real Gabinete Português de Leitura, Sílvio Elia, Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Alvacyr Pedrinha, Castelar de Carvalho, Olmar Guterres da Silveira, Gladstone Chaves de Melo, Antonio Hauila, Adriano da Gama Kury, Ignês Maria de Pontes Vieira e Manuel Pinto Ribeiro.

Ao encerrar o II Encontro, usou da palavra o Prof. Cláudio Cezar Henriques, Diretor do Instituto de Letras da UERJ, ressaltando a importância do evento e o trabalho científico do homenageado.

\*

De 16 a 19 de novembro último, o Colégio Pedro II, na pessoa do Diretor-Geral Prof. Dr. Wilson Choeri e a Academia Brasileira de Filologia promoveram o Seminário de Língua Portuguesa em comemoração à passagem do 1.º centenário de nascimento de Clóvis do Rego Monteiro (10.9.1898-13.7.1961), Catedrático e Diretor do Colégio Pedro II e membro fundador da ABF. Constatou o encontro de palestras em torno dos variados domínios por que se estende a obra do competente filólogo e lingüista brasileiro: Clóvis Monteiro e o português do Brasil (Leodegário A. de Azevedo Filho); Clóvis Monteiro, a renovação dos estudos de sintaxe e fundamentos clássicos do português do Brasil (Olmar

Guterres da Silveira); Clóvis Monteiro e os estudos de morfologia da língua portuguesa (Horácio Rolim de Freitas); Clóvis Monteiro e a historiografia literária no Brasil (Leodegário A. de Azevedo Filho); Clóvis Monteiro e a ortografia da língua portuguesa (Jayr Calhau); Clóvis Monteiro e a Linguagem dos Cantadores (Eneida Monteiro Bomfim); Clóvis Monteiro e a Nova Autologia Brasileira (mesa-redonda com Jayr Calhau, Maria da Glória Souza Pinto e Manuel Pinto Ribeiro).

Ao fim do Seminário, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eneida Monteiro Bomfim, filha de Clóvis Monteiro, ocupa cadeira da Academia Brasileira de Filologia a cuja vaga concorrera, sendo, na oportunidade, saudada pelo Prof. Dr. Olmar Guterres da Silveira.

\*

A Associação Internacional de Lusitanista realizará em agosto próximo, de 8 a 13, seu 6.º Congresso, com sessões na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade Federal Fluminense. A coordenadora do evento é a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cleonice Berardinelli. A temática do Congresso é de natureza bastante abrangente, contemplando diversas áreas, como lingüística, literatura, cultura, história, filosofia. A língua oficial do Congresso é o português.

Poderão participar pesquisadores, professores e estudantes universitários que se dediquem às áreas contempladas no evento.

Até 31 de janeiro as taxas de inscrição são as seguintes: sócios da AIL (US\$ 70), não sócios (US\$ 120), estudantes (US\$ 35).

Depois de 31 de janeiro: sócios (US\$ 100), não sócios (US\$ 170), estudantes (US\$ 40).

No Brasil, os pagamentos serão feitos em nome da tesoureira do 6º Congresso Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Banco do Brasil 001, Agência Icaraí 2907-6, conta corrente n.º 60390-2).

Em Portugal poder-se-á fazer o pagamento em nome de Sebastião Pinho, mediante vale de Correio Internacional, de eurocheque em escudos ou de Cartão de Crédito (Visa, Mastercard, American Express).

O prazo para entrega dos títulos e resumos das comunicações é o dia 31 de março.

\*

### VASCO DA GAMA E A EXPANSÃO PORTUGUESA

Realizou-se, de 21 de setembro a 23 de novembro, o Ciclo de Conferências “Vasco da Gama e a expansão portuguesa”, promovido pelo Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, incluindo temas de História Náutica, Língua e Literatura Portuguesa.

Durante oito segundas-feiras os participantes e assistentes do Ciclo tiveram oportunidade de ouvir, ver e debater matéria relativa à histórica viagem de Vasco da Gama, antecedentes e conseqüências, a saber:

Em busca do Oriente: a abertura do Atlântico, por Alnte. Max Justo Guedes; Formas lingüísticas do português quinhentista, pelo Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho; A importância das viagens portuguesas na História do Futuro de Antônio Vieira, pelo Prof. José Carlos Barcellos; O Gama dos Lusíadas, pelo Prof. Sílvio Elia; O descobrimento do Outro pelos portugueses (na perspectiva de Zurara, Pina e Góis, pela Prof.<sup>a</sup> Maria do Amparo Maleval; Camões plasmador do português moderno, pelo Prof. Gladstone Chaves de Melo; Viajando com Fernão, pelo Prof. Júlio Carvalho; A língua companheira das naus, pelo Prof. Evanildo Bechara.

\*

No dia 12 de setembro último a Academia Brasileira de Filologia, fundada em 26 de agosto de 1944, homenageou os acadêmicos Gladstone Chaves de Melo e Sílvio Elia, este o último membro fundador vivo àquela quadra. Na ocasião, entre outros pares, falou o acadêmico Evanildo Bechara, ressaltando o valor intelectual e moral dos homenageados e assinalando o alto valor de suas produções lingüísticas e filológicas. Encerrando a sessão, agradeceram Gladstone e Sílvio as demonstrações de afeição e carinho de seus colegas e, nessa ocasião, Sílvio proferiu as palavras que registramos aqui:

“Rio de Janeiro, 29 de agosto de de 1998

Meus bons amigos,

Quero agradecer, do fundo do coração, a singela mas expressiva homenagem que acabo de receber. Sou de fato, pela graça de Deus, o único fundador sobrevivente desta valorosa e valiosa instituição que, há cinqüenta e quatro anos, vem prestando ao Brasil, com incansável dedicação e alta competência, o serviço civil de zelar pela conservação e enriquecimento do patrimônio intelectual que nossos maiores nos legaram, consubstanciado num saber filológico e lingüístico que não nos permita empalidecer no convívio com nossos pares deste pequeno mundo à beira do terceiro milênio.

O nosso mérito está em servir, na medida dos dons recebidos do Criador. Essa, a parte da Natureza, mas que deve ser completada com outra, a trazida pelo Homem, a qual, pesa-me dizê-lo neste momento festivo, vejo em triste regressão. O *homo oeconomicus* suplantou o *homo sapiens*, a ponto de, hoje, quando se fala em *cultura*, dela se retira o traço *inteligência*. E o resultado está gritante a nossos olhos: o ingurgitamento da economia destruiu a economia. E uma das mais miseráveis facetas do processo é, em nosso país, a vergonhosa marginalização imposta ao magistério.

Na verdade, não era disso que vos vinha falar, e sim da minha alegria e reconhecimento por vos terdes lembrado tão gratamente deste velho militante das letras e dos estudos filológicos. Fiz o que pude, dentro das minhas limitações e dos recursos de que dispus. Se nisso encontrastes algum mérito, certamente é fruto da vossa magnanimidade e do vosso espírito de fraternal solidariedade. Agradecimento especial trago a esta esplêndida instituição, o que concretizo na pessoa do seu infatigável Presidente, Prof. Leodegário Amarante de Azevedo Filho, que com nobre desprendimento, capacidade e arraigado amor à cultura do espírito, vem, como bom timoneiro, pondo-a sempre no rumo certo das cousas sublimadas, que fazem a existência apetecida e a pátria agradecida.

A todos muito obrigado e que Deus vos recompense desse gesto que tanto me sensibilizou.

*Silvio Elia* ”

\*

#### CONGRESSO INTERNACIONAL PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Raymond Cantel, eminente vieiriano, referindo-se ao grande orador, escreveu:

A eloquência é uma arte da palavra falada e não da escrita. Eis porque é evidente que, mesmo na hipótese mais favorável, quando a transcrição dum discurso é rigorosamente fiel, não podemos conhecê-lo, senão duma maneira imperfeita, se o não ouvimos dito por seu autor.

Ao ler estas palavras, vem-nos o desejo, infelizmente vão, de também “lançar tapetes de madrugada em São Roque para ouvir o Padre Vieira”, como disse um dia D. Francisco Manuel de Melo e lembrou o Prof. Aníbal de Castro na inauguração deste Seminário, no Liceu Literário Português. Lançar tapetes a marcar o lugar para ter o privilégio de deixar-se enlevar por suas palavras, por sua voz – como seria a voz do Padre Vieira? Há referências elogiosas a ela.

Mas que referências verbais, por mais expressivas que sejam, reproduzem o som único e personalíssimo da voz humana? E seus gestos? Num dos mais divulgados de seus retratos, vemos-lo de mão estendida, talvez persuasiva, e é só. E ficamos – ou fico eu – a imaginar o que seria vê-lo e ouvi-lo a falar, a sublinhar as frases com movimentos retilíneos, ou a marcar, com mãos e braços ágeis ou lentos, com um mover mais acentuado da face, com uma cintilação mais viva dos olhos... que sei lá? – seus jogos verbais, seus períodos longos e sinuosos, os vai-vens da astuciosa argumentação.

Faço-me esta pergunta cada vez que lhe releio os sermões. Nestes últimos dias, ao ouvir falar de sua obra, dos vários aspectos que nela se focalizaram, da sua rica personalidade, ao ouvir citar seus textos, mais se acendeu o tal desejo vão de ser não apenas sua leitora, mas sua ouvinte, mais ainda, sua espectadora, fosse na igreja de São Roque, fosse em qualquer outra igreja de Lisboa, da Bahia, do Maranhão, de Roma, fosse na Confraria dos Pretos, a cantar a fineza do amor de Cristo – “dilexit eos usque ad finem”, em português ou em italiano –, a louvar qualidades e criticar defeitos dos pregadores, a interpelar o Senhor, concitando-o a ajudar os que o seguem e reverenciam, a comparar os sofrimentos dos negros escravos aos do Cristo, a verberar os que os escravizam, a conduzir-nos pelos meandros do seu raciocínio habilíssimo, persuadindo-nos de que nos está levando à conclusão certa e dissuadindo-nos em seguida, encantando-nos, enfim, com seu duplo poder de seduzir e de lançar encantamento. Na verdade, além de tudo mais, esse sacerdote cheio de fé em seu Deus, esse estrategista, esse hábil diplomata, esse defensor dos marginalizados, era um mago, ou, melhor, ainda o é.

O que espanta é saber que Vieira não considerava os seus textos oratórios o melhor de sua obra. Em 1696, exprime a pena que tem de ser forçado a deixar de lado o que achava mais importante – seus textos proféticos – para cuidar da edição dos sermões:

Só sentirei que este tempo me falte para pôr a última mão aos quatro livros latinos *De Regno Christi in terris consummato*, por outro nome *Clavis Prophetarum*, em que se abre nova estrada à fácil inteligência dos Profetas, e tem sido o maior emprego de meus estudos.

De seus sermões infelizmente não há manuscritos; temos de contentar-nos com as edições *princepes*. Sabemos também que os textos de que dispomos não eram exatamente os que pronunciava. Vieira os publicou muito mais tarde, já velho e doente, surdo, quase cego e com a mão direita paralisada. Começa a preparar a edição aos 71 anos e vai terminar o 13.º volume aos 89. Em 1687, dez anos antes de morrer, escrevera, num momento de desânimo:

A isto se acrescenta, com a falta de sentidos, a das mesmas potências da alma; porque já a memória não se lembra, nem o entendimento discorre, nem a mesma vontade enfatiada se aplica com gosto ao que sem ele é violência e martírio.

Se a decadência física de Vieira é real nos últimos anos de sua existência, não é menos verdadeiro que suas faculdades intelectuais permanecem espantosamente intactas até ao fim. Contam-nos seus biógrafos que ele lutava para continuar o seu trabalho. Cercou-se de secretários que lhe liam seus manuscritos. Em seguida, ditava o texto definitivo, depois de tê-lo meditado e pronunciado em voz alta. E cá está de novo a voz que se perdeu, e que, a essa altura, já seria apenas a sombra esbatida do que fora, quando, diante de um auditório seduzido, “comprovava” as suas profecias, apoiando-se em passagens bíblicas, como já o haviam feito outros comentadores que em Isaías encontraram antecipações da ação dos portugueses.

Vieira espera que D. Sebastião venha cumprir o destino português de implantar o reino de Cristo no mundo, enquanto há esperança de que esteja vivo.

Perdida a esperança, transfere a missão de salvador ao rei D. João IV, que restaurara a liberdade pátria. Numa série de argumentações bastante discutíveis, algumas verdadeiros sofismas, Vieira defende a nova posição com o ardor com que defendera a anterior. Mas D. João, seu grande protetor, morre em 1656, sem ter cumprido a promessa que não fizera, que lhe fora imposta como lugar tenente de D. Sebastião. E Vieira, não querendo ceder à dura desilusão, prega o sermão das exéquias do rei, no qual anunciava a sua próxima ressurreição. O sermão se perdeu, mas ele o relata em longuíssima carta a um amigo de que citamos breve passo:

O Bandarra é um verdadeiro profeta; o Bandarra profetizou que El-Rei D. João IV há-de obrar muitas cousas que ainda não obrou, nem pode obrar senão ressuscitando: logo El-Rei D. João o IV há-de ressuscitar.

Esta carta foi publicada várias vezes sob o título de *Esperanças de Portugal, Quinto Império do mundo, primeira e segunda vida de el-rei D João o quarto, escritas por Gonçalianes Bandarra e comentadas pelo padre Antônio Vieira*.

A essa altura, Vieira tinha 48 anos incompletos. E vai empurrando o sonho: primeiro, para D. Afonso VI, depois, Pedro II, depois os dois filhos deste. E não estava sozinho. Muitos padres abraçaram a causa.

D. Afonso, porém, nada tinha para ser o predestinado. Vieira convence-se de que D. Afonso poderá participar do plano divino, não por si, mas juntamente com seu irmão, D. Pedro. Mantém sua esperança à custa de raciocínios e

interpretações de sinais estranhos e transfere sua confiança para 1679. Em 1681, dois cometas aparecem no céu do Brasil. D. Afonso morrera no ano anterior. Será D. Pedro. Em 1683, um eclipse em Roma. Vieira recorda o Bandarra: “O texto se há-de cumprir / Primeiro, senhor em Roma.”

Em 1688, chega à Bahia um barco e nele a notícia de que a rainha teve um filho. Vieira profere um Sermão em Ação de Graças onde, fazendo um acerto nas contas do Bandarra, descobre que uma das profecias por ele feitas pode calhar a este príncipe:

Digo que este Príncipe fatal, tantos séculos antes profetizado, e em nossos dias nascido, não só há de ser Rei, senão Emperador.

e ainda:

Digo que este Império não será o de Alemanha, nem outro algum dos que até agora adquiriu o valor, ou repartiu a fortuna; mas um Império novo, maior que todos os passados, não de uma só nação ou parte do mundo, mas universal e de todo ele.

A essa altura, porém, o príncipezinho, já estava morto. O sabê-lo atinge brutalmente o pobre visionário. Exclama: “Vivo e morto! Dado e outra vez negado! E em espaço de dezoito dias!” E arranca das magoadas entranhas a explicação: Deus tinha arrebatado o futuro imperador do mundo ao afeto dos portugueses para lhe dar a posse de seu império no céu, para que o mesmo filho varão, que nascia para Emperador do mundo, fosse logo levado ao Céu, a tomar a posse do Império, para que Deus o tinha destinado.

Mais um barco, com cartas da metrópole: a rainha está novamente grávida. Vibra o orador e sobe ao púlpito para dizer que o novo príncipe será aquele que exercerá a soberania na terra, reinando assim os dois – um no céu, outro na terra, um Emperador nunca visto, nem imaginado, composto de dous, um vivo e outro morto.

Isso se passa em 1688. Vieira tem 80 anos. Viverá mais 9, sempre confiante no destino do reino. Em junho de 1697, ainda testemunha a sua confiança nas profecias que prometiam a Portugal o império do mundo: ‘Eu tenho por certo que os fins hão-de ser felicíssimos ao nosso reino e nação mas os meios, antes deles, de igual dificuldade e perigo’.

No dia 18 de julho de 1697 morre, levando consigo todos os sonhos que acalentou a vida inteira. Levando-os todos? Talvez não. Deixando deles o suficiente para a semente. E aqui, nesta sala, nestes dois dias, ao falar de Vieira, vozes autorizadas e também sedutoras citaram toda uma genealogia de “profetas”, anteriores e posteriores ao nosso homenageado, que, como ele, teriam saído a semear a sua semente pela palavra escrita. Faltou-lhes todavia a comu-



nicação direta da fala, daquela que será mais breve, mas – parodio Vinicius de Moraes “eterna enquanto dure”.

Comecei pelo desejo inexequível de ouvir Vieira, continuei pelo desejo realizado de ter ouvido os nossos convidados falar de Vieira, terminarei pela saudade de uma voz que já se fez aqui ouvida em outro Seminário e que não conseguimos recuperar neste, mais solene e realizado em data mais especificamente vieiriana. Uma voz sem dúvida das mais autorizadas para falar do nosso homenageado, pelo conhecimento profundo e extenso que tinha de sua obra, pela finura de sua análise, pelo domínio do contexto em que se moveu o autor. Homenageando Vieira, todos nós aqui reunidos, proponho que dediquemos este nosso Seminário à memória da jovem e querida colega e invulgar pesquisadora Margarida Vieira Mendes.

Cleonice Berardinelli

\*

#### O CONGRESSO ANCHIETANO NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(25 a 29 de outubro de 1998)

comemorativo dos 450 anos do Colégio das Artes e da presença do Padre José de Anchieta entre os primeiros alunos da instituição

O ano de 1998 assinalou entre outros acontecimentos os 450 anos de fundação, a 21 de fevereiro de 1548, do Real Colégio das Artes em Coimbra, anexo à Universidade, de cujo corpo docente fizeram parte algumas das maiores figuras entre os humanistas portugueses da época. Em outubro daquele mesmo ano de 1548, recém-chegado da sua terra natal – San Cristóbal de La Laguna, na ilha de Tenerife – o jovem José de Anchieta, que já sentira inclinação para a vida religiosa, se matriculou como aluno da instituição, onde nos dois anos seguintes, sob a forte influência de grandes mestres como Diogo de Teive, teria uma formação cultural de nível superior, passando em pouco tempo a falar e escrever correntemente em duas outras línguas, o português e o latim. Naqueles pouco mais de quatro anos em Coimbra, José de Anchieta teve oportunidade de através dos ensinamentos de seus mestres e de muitas leituras aprofundar-se em conhecimentos filosóficos, doutrinários e teológicos, especialmente ao ingressar como noviço na Companhia de Jesus. A passagem de Anchieta por Coimbra foi portanto altamente proveitosa, como os anos seguintes de sua atuação de missionário do Novo Mundo iriam demonstrar.

A vida do Padre José de Anchieta compreende três etapas sucessivas: a dos 14 anos iniciais – 1534 / 1548 – passados em Tenerife; a dos pouco mais de

quatro anos seguintes – 1548 / 1553 – na cidade de Coimbra; e finalmente os 44 anos vividos exclusivamente no Brasil – 1553-1597, em permanente desempenho da ação missionária a que se devotou incansavelmente, sem nunca ter regressado à Europa. Essas circunstâncias especiais fizeram dele um patrimônio dos três países em que viveu e a que está ligado por fortes vínculos – Espanha, Portugal e Brasil. Foi no Brasil que desempenhou o notável papel de aglutinador dos elementos da cultura espanhola, da cultura portuguesa, da cultura brasileira e das culturas indígenas, dos quais tinha fundados conhecimentos, e dos quais também se utilizou na composição da sua obra literária.

Pode-se afirmar que por múltiplas razões a grandeza da figura humana de José de Anchieta é reconhecida pelas raras virtudes de que ao longo da vida nos deu provas incontáveis, pois em meio às maiores provações, no desempenho da ação missionária, dedicou-se com extremado amor ao trabalho de catequese dos índios e de evangelização dos colonizadores portugueses. Todavia, é preciso reconhecer por outro lado que os feitos mais notáveis e a relevância dos escritos que nos legou e lhe conferem o título de fundador da literatura brasileira só são suficientemente conhecidos de um grupo de estudiosos e pesquisadores que se tem dedicado aos estudos anchietanos. Como dados fundamentais para a avaliação do que foi aquele primeiro século da formação histórico-cultural-religiosa do Brasil, precisam portanto com toda a urgência ser levados ao conhecimento de inúmeros professores de história, de história da cultura e da literatura, de história da Igreja, e até de membros da hierarquia católica, de sacerdotes e seminaristas, de tal modo que se tenha a verdadeira dimensão da figura e da obra missionária do grande Apóstolo.

Tendo plena consciência – pela sua participação nas comemorações do quarto centenário da morte de Anchieta em 1997, como o Congresso Internacional na Universidad de la Laguna (9 a 14 de junho) ou o programa realizado em São Paulo – de que devia ampliar-se ainda mais o debate sobre os temas anchietanos, o Professor Doutor Sebastião Tavares de Pinho teve a feliz idéia de propor a realização de um Congresso Internacional na Universidade de Coimbra, onde tem atuação destacada como professor de estudos clássicos, com o objetivo que seria anunciado logo na 1.ª Circular de “promover um debate alargado sobre a presença e formação de Anchieta em Coimbra, como aluno da instituição universitária, e acerca da sua poligráfica produção literária em geral e da humanística em particular, a fim de a tornar mais conhecida em Portugal, de cuja história político-cultural a mesma obra constitui inegável e importante documento”.

Aprovado o seu plano, que contou sem demora com o apoio de três dos mais importantes centros de estudos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – o Instituto de Estudos Clássicos, o Instituto de Estudos Brasileiros

e o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – estabeleceu-se o período de 25 a 29 de outubro de 1998 para a realização do Congresso Internacional “Anchieta em Coimbra – 450 anos – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)”. Da Comissão Organizadora fizeram parte o idealizador do projeto (Presidente da mesma) e mais os professores Maria Aparecida Ribeiro (Diretora do I.E.B.) e José Ribeiro Ferreira (Diretor do I.E.C.). Inúmeras instituições portuguesas, brasileiras e estrangeiras deram o seu apoio ao empreendimento, e outras tantas nele se fizeram representar pela presença de professores e pesquisadores.

O programa das sessões de trabalho – sessões plenárias e sessões simultâneas – se desenvolveu com a apresentação de conferências e comunicações, que despertaram vivo interesse dos mais de 500 inscritos no Congresso. Foram convidados a proferir conferências nas sessões plenárias os professores e pesquisadores Aires Augusto Nascimento (Lisboa), Aires Rodeia Pereira (Aveiro), Américo da Costa Ramalho (Coimbra), Amadeu Torres (Braga), Ana Balmori Padesca (Lisboa), Aníbal Pinto de Castro (Coimbra), Antônio Alexandre Bispo (Colônia – Alemanha), Antônio de Oliveira (Coimbra), Artur Anselmo (Lisboa), Bartomeu Melià (Assunção – Paraguai), Bernard Pottier (Paris), Carlos Ascenso André (Coimbra), Carlos Kalil Tannus (Rio de Janeiro), César Augusto dos Santos (São Paulo), Cleonice Berardinelli (Rio de Janeiro), Dulce Maria Viana Mindlin (Ouro Preto), Eduardo de Almeida Navarro (São Paulo), Evanildo Cavalcante Bechara (Rio de Janeiro), Fernando Taveira (Coimbra), Francisco González Luis (La Laguna), Fremiot Hernández González (La Laguna), Gerhard Doderer (Lisboa), Jean Letrouit (Paris), João Manuel Nunes Torião (Aveiro), João Pedro Mendes (Brasília), Jorge Alves Osório (Porto), Jorge Morais Barbosa (Coimbra), José Alves Pires (Soutelo), José António Sánchez Marín (Granada), José Augusto Cardoso Bernardes (Coimbra), José Geraldes Freire (Coimbra), José González Luis (La Laguna), José Maria Pedrosa Cardoso (Coimbra), José Oliveira Barata (Coimbra), Leodegário A. de Azevedo Filho (Rio de Janeiro), Maria do Amparo Carvas Monteiro (Coimbra), Maria Aparecida Ribeiro (Coimbra), Maximiano de Carvalho e Silva (Niterói), Nair de Nazaré Castro Soares (Coimbra), Nicolás Extremera Tapia (Granada), Paulo Roberto Pereira (Niterói), Paulo Suess (São Paulo), Pedro Dias (Coimbra), Roseli Santaella Stella (São Paulo), Sebastião Tavares de Pinho (Coimbra), Vilma Arêas (Campinas), Virgínia da Conceição Soares Pereira (Braga), Vítor Melícias (Lisboa) e Walter de Sousa Medeiros (Coimbra). Cerca de 60 outros professores e pesquisadores ainda mais enriqueceram o Congresso com a apresentação de comunicações nas chamadas “sessões simultâneas”. O Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português esteve presente ainda com a participação do Prof. Ricardo Cavaliere, membro do Conselho Consultivo.

Por estes dados se pode avaliar a amplitude e a importância do Congresso, em que pesquisadores portugueses, espanhóis, brasileiros e de outras nacionalidades (Alemanha, França, Paraguai) demonstraram que o trabalho missionário e a obra literária do Padre José de Anchieta fazem dele, sem nenhuma dúvida, como figura humana e como escritor que nos legou extensa obra em quatro línguas (espanhol, português, latim e tupi), um dos grandes vultos da história da humanidade, merecedor de todas as atenções dos que se empenham em ter exata noção dos grandes valores do mundo em que vivemos.

As conferências e comunicações trataram de todos os itens do temário: 1. Aspectos históricos e biográficos; 2. Coimbra no tempo de Anchieta; 3. O Real Colégio das Artes; 4. Anchieta, humanista novilatino; 5. Anchieta, o polígrafo literário; 6. Anchieta, gramático e poliglota; 7. Anchieta, missionário; 8. Anchieta, alteridade e direitos humanos; 9. Fortuna crítica e atualidade da obra de Anchieta. Assim, os mais diversos aspectos da vida e obra do Padre José de Anchieta foram minuciosamente examinados ou reexaminados, principalmente no que se refere à contribuição anchietana à formação da nacionalidade brasileira. Para que se tenha idéia de como se ampliou o estudo e o debate dos temas anchietanos, baste dizer que 9 comunicações trataram de Coimbra no século XVI, do Colégio das Artes ou da presença de Anchieta em Coimbra; 44 – de diferentes aspectos da vida e obra de Anchieta, como a ação missionária que desenvolveu no Brasil; 9 – de Anchieta poliglota, do seu conhecimento de línguas indígenas ou da sua *Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil*; 14 – do seu domínio da língua latina ou dos seus poemas em latim (língua e recursos de versificação); 17 – da poesia lírica ou do teatro anchietana; e mais 15 – de temas correlatos. Tendo ficado bem claro que devem ter maior aprofundamento e mais ampla divulgação os estudos anchietanos, na sessão de encerramento do Congresso foi aprovada por aclamação a proposta da criação de um centro internacional para coordenar as iniciativas nesse sentido, e designados os professores Sebastião Tavares de Pinho (Coimbra), César Augusto dos Santos (São Paulo) e Francisco González Luis (La Laguna) para elaborarem um anteprojeto de organização e funcionamento dessa entidade, a ser oportunamente submetido à apreciação dos interessados.

Por tudo isto, e uma vez que as próprias pessoas presentes não tiveram condições de assistir a todas as sessões (muitas delas simultâneas), é altamente desejável – e as providências da Comissão Organizadora já estão sendo tomadas nesse sentido – que em breve tenhamos as Atas do Congresso, cuja leitura atenta muito contribuirá como incentivo ao desenvolvimento e revisão dos estudos anchietanos.

Os dirigentes do Congresso prepararam ainda um excelente programa de outras atividades culturais e de atividades sociais para proporcionar a todos

os inscritos proveitosos e agradáveis momentos de convívio, e aos que pela primeira vez estiveram em Coimbra um conhecimento direto de pontos principais da cidade e da Universidade: dia 25 – celebração litúrgica na Capela de São Miguel da Universidade (“Missa em Honra do Beato José de Anchieta”) e recepção e convívio nos claustros de Santa Cruz; dia 26 – abertura da exposição bibliográfica na Biblioteca Geral da Universidade e concerto de música sacra na Igreja da Sé Velha (com a participação do Coral de Letras da Universidade); dia 27 – concerto de canto e órgão na Capela da Universidade; dia 28 – representação de “Anchieta, Nossa História” pelo Grupo de Teatro de São Paulo dirigido por Denise del Vecchio, no Teatro Acadêmico de Gil Vicente; e no dia 29, após o encerramento do Congresso no auditório da Reitoria, jantar e espetáculo musical no Palácio de São Marcos. Na cerimônia da abertura da exposição bibliográfica, fez-se o registro da publicação do catálogo respectivo, com palavras introdutórias do Diretor da Biblioteca, Aníbal Pinto de Castro, e da edição fac-similada, com Apresentação de Sebastião Tavares de Pinho e Introdução de Maria Aparecida Ribeiro, de uma obra rara, a coletânea de textos em latim dedicados a Anchieta organizada por Francisco de Almeida em 1737 com o título *Orfeu Brasílico ou Exímio Harmosta do Mundo Elemental, o Venerável Padre José de Anchieta, Taumaturgo do Novo Mundo e Apóstolo do Brasil*.

Cabe aqui um grande louvor à Comissão Diretora e ao corpo de funcionários da Secretaria que cuidou do exato cumprimento dos programas elaborados e deu permanente assistência aos congressistas. Com efeito, as circulares expedidas em diferentes ocasiões, o libreto com os nomes e endereços dos inscritos e os resumos das conferências e comunicações, as instruções normativas distribuídas aos congressistas e presidentes de sessões – tudo contribuiu para que o Congresso chegasse a bom termo, apesar do número tão avultado de autores de conferências e comunicações (bem mais de 100, ao todo).

Esse Congresso foi um exemplo do que podem fazer as Universidades e do que devem fazer as Universidades católicas brasileiras em favor da causa anchietana e de seus abnegados servidores. É pena que as nossas instituições universitárias, que tantos congressos, simpósios, encontros, ciclos de estudos promovem, sobre os mais variados assuntos, com frequência de interesse tão restrito, não se tenham lembrado de comemorar com a realização de programas de estudos interdisciplinares o quarto centenário da morte de Anchieta. Com efeito, os exemplos de vida do Apóstolo do Brasil, a sua notável contribuição aos estudos históricos, etnográficos e lingüísticos, a sua participação entre nós no grupo dos que começaram a prática pedagógica e as atividades assistenciais e diplomáticas, e o valor dos seus escritos como verdadeiro iniciador da literatura brasileira (poesia, prosa, epistolografia, teatro, com textos em quatro lín-

guas: português, espanhol, latim e tupi) – tudo isto deveria ter sido levado em conta pelas nossas Universidades, sobretudo as católicas, como objeto de reflexões mais amplas e cuidadosas, à luz das novas exigências por que se devem pautar as investigações históricas e literárias na atualidade.

Maximiano de Carvalho e Silva

\*

#### HOMENAGEM A CLEONICE BERARDINELLI

O Liceu Literário Português e o Instituto de Língua Portuguesa se associam às justas homenagens que vão ser prestadas à ilustre professora brasileira pela sua atuação na difusão e no estudo da literatura e da cultura portuguesas entre nós. Com pompa e circunstância, a Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa, por iniciativa do Instituto Camões, promoverá, entre os dias 8 e 10 de fevereiro próximo, um colóquio internacional totalmente dedicado à obra crítica da professora Cleonice Berardinelli, que hoje é Titular da Cátedra Padre Antônio Vieira da PUC-Rio. Esta homenagem porá em relevo não somente os dotes intelectuais de Cleonice Berardinelli, mas também as suas qualidades humanas em torno das quais está hoje reunida uma multidão de amigos, de alunos e de admiradores.

E.B.

\*\*\*